Oscar Wilde

O FANTASMA DE CANTERVILLE

VIRTUAL BOOKS

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O FANTASMA DE CANTERVILLE
OSCAR WILDE

O FANTASMA DE CANTERVILLE
OSCAR WILDE

Quando Mister Hiram B. Otis, o embaixador americano, adquiriu o Parque Canterville, não faltou quem o advertisse de que cometia uma loucura, porque na habitação apareciam, indubitavelmente, almas do outro mundo. Na verdade, o próprio Lord Canterville, cujo caráter era dos mais exigentes em escrúpulos, supusera seu dever assinalar o fato, chegado o momento de discutirem as condições do negócio.

- Até nós mesmos tínhamos já muito pouca vontade de residir aqui - disse Lord Canterville - desde que a minha tia-avó, a duquesa donatária de Bolton, desmaiou de terror (ela nunca pôde restabelecer-se desse abalo moral) quando as mãos de um esqueleto lhe assentaram nas espáduas, numa ocasião em que se vestia para o jantar. Devo igualmente dizer-lhe, Mr. Otis, que o fantasma tem sido visto por muitos membros ainda vivos da minha família, assim como pelo cura da paróquia, o Reverendo Augustus Dampier, agregado do King's College, em Cambridge. Depois do desgraçado acidente sucedido à duquesa, nenhum dos nossos criados novos quis manter-se a serviço, e Lady Canterville raramente conseguia conciliar o sono durante a noite por causa dos misteriosos ruídos vindos do corredor e da biblioteca.

- Lord Canterville, - respondeu o embaixador - eu sou o comprador da propriedade e do fantasma pelo valor que lhes seja atribuído. Venho de um país moderno em que o povo tem tudo quanto o dinheiro pode obter. Não é certo que a nossa atrevida mocidade revoluciona o Velho Mundo? Não lhes arrebatam as melhores atrizes e prima-donas? Se existisse um fantasma na Europa, dentro em pouco o teríamos lá, estou convicto disso; ele seria exposto num dos nossos museus ou exibido nas ruas.
- Pois muito receio que o fantasma ainda, de fato, exista - disse, sorrindo, Lord Canterville. - Pode ser que haja resistido às propostas dos seus arrojados empresários. É bem conhecido desde há três séculos, precisamente a partir do ano de 1584, e nunca deixa de fazer a sua aparição às vésperas do falecimento de cada pessoa da nossa família.
- Oh! Em todas as famílias o médico faz exatamente o mesmo, Lord Canterville. Vamos, não existe fantasma algum. Não creio que as leis da natureza abram uma exceção em favor da aristocracia inglesa.
- Os senhores, na América, são, não há dúvida, muito naturais - comentou Lord Canterville, sem compreender a última observação de Mr. Otis - e, se lhe é indiferente ter um fantasma portas adentro, estamos entendidos.
Passadas umas semanas, a transação estava concluída, e, já quase ao findar da época, o embaixador e a família foram instalar-se no Parque Canterville.
Mistress Otis, em solteira Miss Lucrécia R. Tappan, da rua West 53, tinha sido célebre em Nova Iorque pela sua beleza. Era, agora, mulher de meia-idade, muito agradável, com belos olhos e soberbo perfil. Muitas americanas, ao abandonarem o país natal, dão-se ares de mulheres atingidas por um mal incurável, imaginando ser essa uma das formas da sutileza européia; mas Mrs. Otis não caíra nunca em semelhante erro. Gozava de uma admirável compleição e possuía maravilhoso equilíbrio emocional. Na verdade, e sob numerosos aspectos, era muito inglesa e ofere-

cia excelente exemplo de que a Inglaterra e a América nada têm hoje que as distinga uma da outra, salvo, bem entendido, a linguagem.

O filho primogênito, a quem, num impulso de patriotismo que ele jamais deixara de lamentar, os pais haviam posto o nome de Washington, era um rapaz de cabelos louros e muito bem-encarado; parecia integralmente dotado para entrar na diplomacia americana, pois vencera os alemães, três estações a fio, no cassino de Newport. A reputação de exímio dançarino que havia conquistado precedera mesmo a sua chegada a Londres. As gardênias eram as únicas fraquezas do seu espírito; posto isso de parte, mostrava ter muito bom senso.

Miss Virgínia E. Otis era uma jovenzinha de quinze anos, graciosa e ágil como corça recém-nascida e cujos olhos rasgados e azuis refletiam uma bela franqueza. Era uma admirável amazona. Certo dia, batera em corrida o velho Lord Bilton, dando duas voltas no parque em cima do seu potro e ganhando por comprimento e meio, precisamente em frente da estátua de Aquiles, isto com grande enlevo do jovem Duque de Cheshire. O Duque logo nesse mesmo instante tinha-lhe pedido a mão, e, remetido nessa própria tarde para o colégio pelos encarregados de sua educação, regressara a Eton derramando lágrimas torrenciais.

A seguir a Virgínia, contavam-se os gêmeos, comumentemente designados por “os condenados ao açoite”. Eram ambos adoráveis meninos e, com o digno embaixador, os únicos verdadeiros republicanos da família.

Como o Parque Canterville se encontra a sete milhas de Ascot, a estação ferroviária mais próxima, Mr. Otis telegrafara no sentido de irem buscá-los de carruagem; e, cheios de alegria, puseram-se todos a caminho.

Era uma linda meia-tarde de julho, em que o aroma dos pinheiros embalsamava o ar. De quando em quando, ouviam um pombo bravo arrulhar docemente, ou enxergavam, escondido entre os rumorosos abrolhos, o brilhante peiti-

lho de plumagem de um faisão. À sua passagem, pequenos esquilos, no seio da rama das faias, ficavam a olhá-los, e, alçando a sua cauda branca, os coelhos fugiam lépidos através dos silvados ou por cima dos cômoros recobertos de musgo.
Porém, na ocasião em que se entranhavam na alameda do Parque Canterville, o céu cobriu-se subitamente de nuvens, uma calma estranha pareceu envolver a atmosfera, um bando de gralhas passou silenciosamente por cima deles e, antes que houvessem atingido a casa, começaram a cair grossas gotas de chuva.
Uma mulher já idosa acolheu-os no alto dos degraus. A maneira como se apresentava era irrepreensível. Envergava um vestido de seda preta, avental branco e touca desta mesma cor. Era Mrs. Umney, a governanta. Mrs. Otis, a pedido de Lady Canterville, consentira em conservá-la a seu serviço. Quando puseram pé em terra, ela fez a cada um dos seus novos amos uma rasgada vênia e disse, com solenidade já desusada:
- Desejo que sejam bem-vindos ao Parque Canterville.
Seguiram-na e, depois de terem atravessado um belo átrio no estilo Tudor, entraram na biblioteca, sala de grande extensão, de teto baixo e ao fundo da qual se via uma ampla janela com vitrais. Fora aí que se preparara o chá, e, após terem-se despojado das vestes de viagem, sentaram-se e puseram-se a olhar em volta, enquanto Mrs. Umney os servia.
De súbito, Mrs, Otis descobriu no soalho, nas peças de madeira embutidas, perto do fogão, uma mancha de tom vermelho-escuro, e, longe de suspeitar do que aquilo significava, disse a Mrs. Umney:
- Creio que alguma coisa caiu ali e se alastrou.
- Sim, minha senhora, - respondeu em voz baixa, a antiga governanta - é sangue.
- Mas é horrível! - exclamou Mrs. Otis. - Não gosto nada de ver manchas de sangue nos salões. É necessário fazer de-

saparecer isso imediatamente!
A velhota sorriu e informou, na mesma voz baixa e misteriosa:
- É o sangue de Lady Eleanor de Canterville, assassinada precisamente neste local pelo marido, Sir Simon de Canterville, em 1575. Sir Simon sobreviveu-lhe nove anos e desapareceu de súbito, em circunstâncias estranhas. 0 corpo dele nunca foi encontrado, mas o seu espírito culposo vagueia ainda por esta casa. A mancha de sangue provocou sempre o pasmo dos visitantes e dos turistas. De resto, não se pode fazer desaparecer.
- É absurdo! - exclamou Washington Otis. 0 Pinkerton, o rei dos sabões para tirar nódoas, fá-lo-á desaparecer num abrir e fechar de olhos.
E antes que a governanta, apavorada, pudesse intervir, Washington, pondo-se de joelhos, esfregava vigorosamente com um pauzinho que tinha suas semelhanças com cosmético negro.
No fim de alguns instantes, a mancha desaparecera completamente.
- Eu sabia que o Pinkerton dava resultado! - proclamou o rapaz, lançando um olhar sobre a família, toda ela em atitude admirativa.
Mas, mal acabara de pronunciar aquelas palavras, um terrível relâmpago iluminou por inteiro o sombrio compartimento e um estrondoso ribombo de trovão fê-los erguer bruscamente, ao passo que Mrs. Umney perdia os sentidos.
- Que monstruoso clima! - proferiu com serenidade o embaixador americano, acendendo um charuto. - Este antigo país é, suponho, tão excessivamente povoado que não há bom tempo que chegue para todos os seus habitantes. Foi sempre opinião minha que a emigração era a única solução para a Inglaterra.
- Meu querido Hiram - gritou Mrs. Otis - que faremos com uma mulher que perde assim os sentidos?
Suspender-lhe-emos o pagamento, quando tal ocorrer, de

sorte que acabará por renunciar aos desmaios.
Mrs. Uniney não deixou de voltar a si dentro de poucos instantes. Estava, porém, sem dúvida alguma, muito comovida. Com ar grave, preveniu Mrs. Otis de que não tardariam a registrar-se acontecimentos perturbadores.
- Tenho visto com os meus próprios olhos - asseverou ela - coisas de pôr os cabelos em pé, e durante noites após noites não tenho podido pegar no sono, por motivo do que de terrível se passa aqui.
Mr. Otis e sua esposa afirmaram à boa mulher que não tinham medo de fantasmas, e depois de ter impetrado as bênçãos da Providência para os seus novos amos e procedido de jeito a obter aumento de salário, a velha governanta recolheu-se ao seu quarto, coxeando levemente.
Naquela noite, a tempestade desencadeou-se com violência, mas nada aconteceu de particular. Todavia, na manhã seguinte, ao descer para o desjejum, os Otis verificaram que a horrível mancha de sangue reaparecera no soalho.
— Seguramente, a culpa não é do sabão para tirar nódoas - disse Washington - pois sempre o empreguei com êxito. Isto deve ser o fantasma.
E o rapaz conseguiu fazer desaparecer a mancha pela segunda vez; no dia seguinte, porém, ela estava de novo patente. No outro dia a seguir, a mancha lá se via, embora a biblioteca tivesse sido, na véspera à noite, fechada por Mr. Otis em pessoa, que levara a chave para o seu quarto. 0 interesse de toda a família encontrava-se agora desperto. Mr. Otis começou a suspeitar de que havia sido excessivamente dogmático ao negar a existência de fantasmas. Mr. Otis exprimiu o propósito de pedir a sua inscrição na "Sociedade de Estudos Psíquicos", e Washington enviou uma extensa carta aos senhores Myers e Podmore, acerca da "persistência das manchas de sangue após o crime".
Nessa noite, todas as dúvidas a respeito da existência objetiva dos espectros se dissiparam para sempre. 0 dia tinha estado quente e ensolarado, e quando a proximidade

da noite trouxe alguma frescura, a família inteira partiu para um passeio de carruagem. Não regressaram todos senão às nove horas e fizeram em seguida uma ligeira refeição. De modo algum, a conversa incluiu a menor alusão sequer a fantasmas, de maneira que não se poderiam pôr em causa essas preliminares condições de expectativa e auto-sugestão que tantas vezes precedem a aparição dos fenômenos psíquicos. Como Mr. Otis me contou mais tarde, a discussão apegou-se aos triviais assuntos que constituem a conversação dos americanos cultos da melhor sociedade: a superioridade imensa de Miss Fanny Davenport, como atriz, sobre Sarah Bernhardt; a dificuldade de obter milho verde, bolos de trigo mouro, mesmo nos melhores estabelecimentos ingleses; a importância de Boston no desenvolvimento do espírito universal; as vantagens do sistema de registro das bagagens; a suavidade da pronúncia das palavras em uso em Nova Iorque comparada com a pronúncia arrastada de Londres. Nenhuma menção das coisas sobrenaturais. Nenhuma alusão a Sir Simon de Canterville. Dadas as onze horas, a família recolheu-se e, às onze e meia, todas as luzes estavam apagadas.

Decorrida uma porção de tempo, Mr. Otis foi despertado por um ruído singular que vinha do corredor, perto do seu quarto. Dir-se-ia um tinido que se entrechocavam, e o ruído parecia cada vez mais próximo. Levantou-se imediatamente, acendeu um fósforo e viu o relógio. Era uma hora em ponto. Muito calmo, Mr. Otis tateou o pulso. Não se tratava de febre. 0 ruído estranho continuava e, dentro em pouco, Mr. Otis percebeu distintamente passos. Enfiou os chinelos, tirou do seu estojo de toalete uma garrafinha oblonga e abriu a porta.

Diante de si, à pálida claridade do luar, via um horrível ancião. Os olhos dele, que se assemelhavam a carvões em brasa, lançavam clarões vermelhos. Caíam-lhe sobre os ombros os cabelos compridos de cor cinza, em madeixas emaranhadas. A roupa que vestia, de corte antigo, estava

cheia de nódoas e em farrapos. Pesados grilhões, todos cheios de ferrugem, pendiam-lhe dos pulsos e dos tornozelos.
- Meu caro senhor, - disse Mr. Otis - perdoe-me importuná-lo, mas é absolutamente necessário que unte esses grilhões. Pensando em você peguei este frascozinho de lubrificante. Dizem ser muito eficaz logo à primeira vez que se aplica. No prospecto junto, achará muitos atestados dos mais eminentes sábios do país. Vou deixá-lo aqui, o frasco, junto dos candelabros, e sentir-me-ei deveras feliz em arranjar-lhe outro, se o senhor precisar.
Ao dizer isto, o embaixador dos Estados Unidos colocou o frasco sobre o tampo de mármore de uma mesa e, fechando a porta, voltou a meter-se na cama.
0 fantasma de Canterville ficou uns instantes imóvel, cheio de uma indignação bem natural; depois, arremessando violentamente o frasco ao soalho encerado, sumiu-se ao longo do corredor a soltar grunhidos cavernosos e projetando terrificantes clarões verdes ao redor.
Porém, ao atingir o alto da grande escadaria de carvalho, abriu-se bruscamente uma porta, apareceram dois pequenos vultos vestidos de branco, e um rotundo travesseiro passou-lhe, zumbindo, rente à cabeça! Decididamente, não havia tempo a perder e, adotando como rápido meio de salvação a quarta dimensão do espaço, esvaiu-se através do revestimento de madeira das paredes, após o que a habitação recuperou a sua calma.
Tendo alcançado uma alcovazinha secreta situada na ala esquerda do edifício, apoiou-se, para retomar fôlego, e pôs-se a refletir no que lhe acabava de suceder. Em toda a sua carreira de trezentos anos, brilhante e ininterrupta, nunca tinha sido insultado tão grosseiramente. Recordou o estado de terror em que lançara a duquesa donatária, quando ela se contemplava ao espelho, enfeitada de diamantes e rendas; as quatro C~ que haviam tido uma crise de nervos muito simplesmente porque ele, rindo com escárnio, as

espreitava através dos cortinados de um dos quartos de hóspedes; o cura da paróquia, cuja vela apagara com um sopro quando ele saía uma noite da biblioteca, onde se retardara um pouco mais, e que depois, vítima de acidentes nervosos, fora tratado por Sir William Guil; a velha senhora de Tremouillac, a qual tendo acordado de manhã muito cedo e visto um esqueleto sentado numa poltrona, junto do fogão, imerso, na leitura do seu diário íntimo, foi obrigada a conservar-se de cama durante seis semanas, presa de uma febre cerebral. A duquesa, logo que se vira curada, reconciliara-se com a Igreja, quebrando todas as relações com o Senhor Voltaire, esse céptico notório.

0 fantasma lembrou-se também da terrível noite em que esse patife do Lord Carterville foi encontrado no seu quarto de vestir meio sufocado, com o valete de ouros no fundo da garganta; precisamente antes de morrer, confessara ter trapaceado no jogo por meio dessa carta e roubado de Charles James Fox, na casa dos Crockfords, cinqüenta mil libras esterlinas. 0 fantasma, jurava ele, obrigara-o a engolir a carta.

0 fantasma de Canterville revia, em pensamento, as suas mais belas façanhas. Evocou o caso do mordomo que, na copa, se suicidara com um tiro de revólver por ter visto uma mão verde bater nos vidros; depois, o da bela Lady Stutfield, que se intimou a trazer sempre em volta do pescoço uma fita de veludo negro, para ocultar a marca que cinco dedos de fogo haviam imprimido na sua pele branca de leite, e que acabara Por se afogar no lago das carpas, no fim da alameda do rei.

Com o egoísmo entusiástico do verdadeiro artista, o fantasma passou em revista as suas realizações mais famosas. E com um sorriso cheio de azedume, recordou-se da sua última ,aparição como “Ruben, o Vermelho, ou o Bebê Estrangulado”, da sua estréia no papel de “Gibeon, o Vampiro de Moor”, e da agitação que provocara, numa encantadora tarde de junho, jogando muito simplesmente o

chinquilho com a sua própria ossada, em cima da relva do campo de tênis.

E, ao cabo de todos estes altos feitos, eis que uns miseráveis americanos modernos lhe vinham oferecer lubrificante e arremessar-lhe travesseiros à cabeça! Era verdadeiramente intolerável. Nunca fantasma algum fora tratado daquela maneira. Decidiu, pois, vingar-se; e, até romper a aurora, permaneceu em atitude de profunda meditação.

Na manhã seguinte, durante o desjejum, o fantasma constituiu o objeto de prolongada discussão. 0 embaixador dos Estados Unidos estava, como é natural, um pouco aborrecido por ver que a sua dádiva não tinha sido aceita.

- De forma alguma eu tive a intenção de dirigir ao fantasma uma injúria pessoal e, sendo certo que ele reside na casa há tanto tempo, vocês devem confessar que é muito pouco delicado atirar-lhe travesseiros à cabeça...

Lamento ter de declarar que, perante esta justa advertência, os gêmeos desataram em gargalhadas.

- Por outro lado - prosseguiu o embaixador - se ele se recusa, teimosamente, a empregar o lubrificante, teremos de confiscar-lhe os grilhões. É impossível dormir com um barulho assim no corredor!

Mas, durante todo o resto da semana, o fantasma não os incomodou absolutamente nada. A única coisa a excitar a atenção era o reaparecimento contínuo da mancha de sangue no soalho da biblioteca. E essa era uma estranha coisa, porque Mr. Otis fechava a porta a chave todas as tardes e mandava cerrar bem as janelas. 0 fato de a mancha mudar tantas vezes de tom, como um camaleão, provocava igualmente numerosos comentários. Em determinadas manhãs, ela aparecia de um vermelho-escuro, quase um vermelho-indiano; no dia seguinte, era um rubro retinto; no outro dia, era um violeta suntuoso; e até uma vez quando os Otis todos desceram para as orações familiares, conforme os ritos cheios de simplicidade da Igreja Livre Americana Reformada e Episcopal, verificaram que a mancha era

de um verde-esmeralda resplandecente. Bem entendido, estas mutações caleidoscópicas divertiam muito a família; e, todas as noites, estabeleciam-se apostas a seu respeito. A única pessoa que não tomava parte na brincadeira era a pequena Virgínia, que, por qualquer razão ignorada, parecia sempre consternada ao ver a mancha de sangue e esteve perto de desatar a chorar na manhã em que a nódoa apareceu no tom verde-esmeralda.

A segunda aparição do fantasma efetuou-se no domingo, à noite. Pouco tempo depois de se terem metido na cama, foram de súbito alarmados por um medonho estrondo vindo do vestíbulo. Descendo precipitadamente a escada, verificaram que uma grande e antiga armadura, despregada da sua base, fora projetada para o lajedo, enquanto o fantasma de Canterville, sentado numa cadeira de alto espaldar e com uma expressão de angústia, esfregava os joelhos.

Os gêmeos, que se tinham munido das suas zarabatanas, descarregaram imediatamente dois pequenos projéteis sobre o fantasma, com essa precisão de pontaria que só longos e sérios exercícios, tendo por mestre um professor exímio, podem dar, enquanto o embaixador dos Estados Unidos, mantendo-o sob a ameaça do seu revólver, intimava-o, segundo a etiqueta, a que pusesse as mãos ao alto.

0 fantasma levantou-se bruscamente, com um medonho grito de raiva e deslizou por entre eles todos tal qual um nevoeiro, apagando na sua passagem a vela de Washington Otis e deixando-os na completa escuridão.

Ao alcançar o cimo da escadaria, o fantasma recobrou ânimo e decidiu soar o famoso carrilhão de risos demoníacos, cuja utilidade mais de uma vez havia experimentado. Contava-se que aquilo fizera embranquecer, durante o espaço de uma era sentar-se sobre o peito deles, de maneira a produzir a sufocante sensação do pesadelo; depois, ficando as suas camas tão juntinhas, surgiria no meio sob a

forma de um cadáver verde e gelado, até que os manos ficassem paralisados de medo; por último, despojando-se do sudário, arrastar-se-ia em volta de todo o aposento com a sua ossada embranquecida, fazendo ao mesmo tempo girar as meninas dos olhos, numa imitação de “Daniel, o Mudo, ou o Esqueleto do Suicida”, papel no qual produzira grande efeito em muitas ocasiões e ao qual atribuía a mesma importância da sua famosa personagem de “Martinho, o Louco, ou o Mistério Mascarado”.

Às dez e meia, ouviu a família ir se deitar. Esteve um bocado de tempo perturbado pelas sonoras risadas dos gêmeos, os quais, com a descuidada alegria de estudantes, certamente se divertiam antes de se enfiar na cama. Mas, às onze horas e um quarto tudo estava sossegado e, ao soar a meia-noite, ele partiu para a sua expedição.

0 mocho vinha roçar as asas nos vidros das janelas, o corvo crocitava no cimo do velho teto e o vento vagueava em volta da casa, gemendo como alma penada. Mas, a família Otis dormia, inconsciente do seu destino, e o cadenciado ressonar do embaixador dos Estados Unidos cobria o ruído do temporal. 0 fantasma esgueirou-se para fora da madeira das paredes sem dar sinal de si. Sobre a sua boca murcha e cruel desenhava-se um aflitivo sorriso, e a lua escondeu-se por detrás de uma nuvem, quando ele passou junto da grande janela ogival, ornada de um brasão azul e ouro, que representava as suas próprias armas e as da sua esposa assassinada. Deslizava como uma sombra funesta e até as trevas pareciam odiá-lo. De súbito, supôs ouvir alguém a chamá-lo. Deteve-se; mas apenas o latido de um cão subia da Granja Vermelha. Prosseguiu caminho, resmungando pragas do século dezesseis e brandindo de quando em quando a adaga cheia de ferrugem.

0 fantasma atingiu, por fim, o recanto do corredor que conduzia ao quarto do infortunado Washington. Parou um instante. 0 vento sacudia-lhe as madeixas compridas e de cor cinza e fazia ondular, de maneira grotesca e fantástica,

o sudário de morto. O quadro inspirava indizível horror. O relógio soou então o quarto de hora. Compreendeu que tinha chegado o momento. Soltou, baixinho, uma risadinha de escárnio e contornou a esquina do corredor. Mas, mal tinha dado um passo, logo recuou com um lamentoso gemido de terror e logo também ocultou nas suas mãos ossudas a face macilenta.
Diante de si, erguia-se um horrível espectro, tão imóvel como uma figura de pedra, tão monstruoso como o sonho de um louco. A cabeça dele era calva e luzidia, a face redonda, gorda e branca. Um riso ignóbil parecia ter-lhe contorcido as feições numa expressão eterna de zombaria. Dos olhos, escorriam clarões escarlates. A boca era um largo poço de fogo e uma horrenda vestimenta, semelhante à sua, envolvia de longas pregas brancas o vulto titânico. Um letreiro, contendo uma inscrição em caracteres estranhos e antigos, ornava-lhe o peito: sem dúvida, um certificado de infâmia, a narrativa de medonhas faltas, uma lista de crimes espantosos. Com a mão direita, brandia um gládio de aço luzidio.
Nunca tendo visto, até a data, fantasma algum, sentiu naturalmente um grande pavor. Lançou rapidamente outro olhar ao terrível espectro e desatou a fugir para o seu quarto, tropeçando, ao seguir pelo corredor, no longo sudário que trazia. Por último, deixou cair a adaga enferrujada dentro das grossas botas do embaixador, onde o mordomo foi encontrá-la no dia seguinte de manhã.
Uma vez no refúgio da sua alcova, atirou-se para cima da estreita cama de lona e enterrou o rosto nos lençóis. Porém, transcorrido um pedaço de tempo, a antiga coragem dos Cantervilles recuperou os seus direitos. Decidiu ir falar com o outro fantasma logo que nascesse o dia. E apenas a aurora prateou as colinas, voltou ao local onde havia, pela primeira vez, lançado os olhos sobre o formidável espectro, raciocinando que, no final das contas, dois fantasmas valiam mais do que um e que, com a ajuda do seu novo

colega, talvez vencesse melhor os gêmeos.
Mas quando ali chegou, no mesmo lugar, um horrível espetáculo feriu seus olhos, Era de todo evidente que acontecera qualquer coisa ao fantasma, porque a luz lhe desaparecera completamente das órbitas, o gládio luzidio escorregara-lhe da mão e o corpo encostava-se à parede numa atitude de constrangimento e incômodo.
Precipitou-se para ele e tornou-o nos braços. Mas, com assombro seu, a cabeça do outro rolou para o chão; o corpo foi-se abaixo e ele percebeu que estreitava apenas um cortinado de cama, de fustão branco, ao mesmo tempo que uma escova de cabo, um machado de cozinha e um nabo oco lhe jaziam aos pés. Incapaz de compreender esta curiosa transformação, pegou o letreiro com pressa febril e, à luz fosca da aurora, leu estas palavras abomináveis:

0 FANTASMA OTIS

é o único, autêntico e original.

DESCONFIEM DAS Imitações !...

Como num relâmpago, compreendeu tudo. Tinham-lhe pregado uma peça! A característica expressão dos Cantervilles perpassou-lhe nos olhos; cerrou as maxilas sem dentes e, levantando muito alto, acima da cabeça, as mãos descamadas, jurou, segundo a fraseologia pitoresca da escola antiga, que, quando se ouvisse mais duas vezes o alegre apelo do galo, dar-se-iam ali acontecimentos sangrentos e a morte deslizaria por aqueles lugares em silenciosos passos.
Mal formulara este temível juramento, subiu, a distância, de uma granja coberta de telhas vermelhas, a voz de um

galo. 0 fantasma soltou um prolongado e amargo riso e esperou. Hora após hora, esteve à espera; mas, por qualquer razão estranha, o galo não repetiu o canto. Por fim, às sete horas e meia, a chegada dos serviçais obrigou-o a abandonar o seu horrível posto de sentinela. Regressou ao quarto a passos lentos, a meditar na sua vã esperança e no seu abortado plano. Consultou, então, muitas obras a que dedicava particular apreço e que tratavam dos antigos tempos da cavalaria. Aí verificou que, em todas as vezes que tal juramento havia sido formulado, sempre o galo cantara a segunda vez.

- Diabos levem aquele maldito volátil! - resmungou ele. - Ali! Pena não me encontrar no tempo em que, com minha intrépida lança, lhe trespassaria a garganta e em que o teria obrigado a cantar só para mim até perder o sopro!

Depois, estendeu-se num confortável ataúde de chumbo, em que permaneceu até o cerrar da noite.

No dia seguinte, o fantasma estava muito fraco e cansadíssimo. Começava a ressentir-se dos efeitos da medonha

agitação das quatro últimas semanas. Estava com os nervos abalados; até o menor ruído o sobressaltava. Não saiu do quarto durante cinco dias e decidiu por fim renunciar à nódoa de sangue no chão da biblioteca. Se a família Otis não queria aquilo, estava claro que, sem sombra de dúvida, não era digna do caso. Com plena evidência, essas pessoas viviam num plano de existência de baixo materialismo e eram em absoluto incapazes de apreciar o valor simbólico dos fenômenos sobrenaturais. 0 assunto das aparições espectrais e o desenvolvimento dos corpos astrais eram, bem entendido, coisas diferentes e alheias à atenção dessa gente. Ele, fantasma, tinha como missão, missão solene, aparecer no corredor uma vez por semana e ulular através de um janelão em ogiva na primeira e na terceira quartas-feiras do mês e não via maneira de poder subtrair-se honrosamente às suas ocupações. A sua vida, é certo,

fora culposa; mas, por outro lado, ele era rigidamente escrupuloso em tudo quanto se relacionava com o sobrenatural.

Três sábados a fio, o fantasma atravessou, portanto, o corredor como de costume, entre a meia-noite e as três horas da manhã, tomando mil precauções para não ser visto, nem ouvido. Tirou os sapatos, pisou tão levemente quanto possível as faixas do soalho roídas pelo caruncho, enrolou-se ri lo manto de veludo negro e pensou empregar o lubrificar, untar os seus grilhões. É inevitável a mim reconhecer que não foi sem dificuldade que veio a adotar este derradeiro meio de proteção; mas, uma noite e na hora em que a família se preparava para ir jantar, ele introduziu-se nos aposentos de Mr. Otis e lançou mão do respectivo frasco. Ao fazê-lo, experimentou, a princípio, um pouco de humilhação, mas logo adquiriu inteligência bastante para se inteirar de que a invenção estava longe de ser má e de que, até certo ponto, lhe favorecia os planos.

Apesar de tudo, não o deixavam, entretanto, em paz. Estendiam, constantemente, cordas no corredor, nas quais, quando estava escuro, tropeçava; e uma vez, em que se encontrava vestido para desempenhar o papel do "Negro Isac ou o Caçador de Hogley Woods", deu uma queda muito grave sobre um declive que os gêmeos haviam armado e que ia da sala das tapeçarias até o cimo da escada de carvalho. Esta última afronta pô-lo em tamanha fúria que resolveu fazer um derradeiro esforço a fim de restabelecer a sua dignidade e a sua posição social. Decidiu, pois, uma visita, na noite seguinte, aos juvenis e insolentes colegiais de Eton, no seu famoso disfarce de "Ruperto, o Arrisca Tudo, ou o Conde-sem-Cabeça".

O fantasma já não fazia aparição alguma mascarado desta maneira há mais de setenta anos, precisamente desde que, assim vestido, aterrorizara a gentil Lady Bárbara Modisli, a ponto de ela ter rompido bruscamente as promessas de noivado com o avô do atual Lord Canterville e fugido para

Grema Green com o belo Jack Castleton, declarando que nada neste mundo a faria entrar numa família que deixava um tão horrível fantasma percorrer o terraço, ao cair o crepúsculo. Mais tarde, o pobre Jack foi morto em duelo por Lord Canterville em Wandsworth Common, e Lady Bárbara, com o coração despedaçado, morreu em Tunbridge Wells, antes de findar aquele mesmo ano; de sorte que, de todos os aspectos, fora um esplêndido êxito.

Todavia, tratava-se de uma "composição" extremamente difícil (se me é permitido usar esta expressão de teatro a propósito de um dos maiores mistérios do sobrenatural, ou, para empregar um termo científico do mundo supranormal), e foram gastas precisamente três horas para executar os preparativos. Tudo se aprontou, finalmente. Estava muitíssimo satisfeito com o seu aspecto. As altas botas de montar que condiziam com o traje eram um tanto largas de mais para ele, e não tinha podido achar senão uma das pistolas dos coldres da sela; mas, em suma, estava muito contente, e, à uma hora e um quarto, deslizou através do forro de madeira e desceu suavemente para o corredor. Chegando ao quarto que os gêmeos ocupavam (chamavam-no o quarto azul, por motivo do tom das pinturas), encontrou a porta entreaberta. Querendo fazer uma entrada de pleno efeito, empurrou bruscamente a porta, mas o conteúdo de um grande jarro entornou-se em cima dele e o próprio jarro, ao cair, roçou-lhe pela espádua esquerda. No mesmo instante, risadas que alguém procurava reprimir subiram dos leitos de colunas. O abalo nervoso que experimentou foi tamanho que desatou a fugir para o seu esconderijo com a maior rapidez. No dia seguinte, muitíssimo resfriado, teve de conservar-se na cama. A consolação única que lhe restava era a de não ter levado a sua própria cabeça nesta expedição; do contrário, a imprudência poder-lhe-ia ter acarretado as mais graves conseqüências.

O fantasma abandonou, então, toda a esperança de assus-

tar aquela grosseira família americana e contentou-se, afinal, em percorrer os corredores com chinelos de solas de feltro, o pescoço envolto num espesso cachenê vermelho, em virtude das correntes de ar, e empunhando um bacamarte com receio de ser atacado pelos gêmeos. Foi a 19 de setembro que ele recebeu o golpe final.
0 fantasma tinha descido ao vasto ha11 de entrada, certo de que aí ninguém o molestaria, e divertia-se a alvejar, com observações satíricas, as grandes fotografias do embaixador dos Estados Unidos e de sua mulher, assinadas por Saroni, que haviam substituído os retratos da família dos Cantervilles. Encontrava-se vestido com um longo sudário, muito simples, mas decente, salpicado de manchas de lama vinda do cemitério. Atara os queixos com uma ligadura de tela amarelada e segurava uma lanternazinha e uma enxada de coveiro. Numa palavra, estava disfarçado para o papel de “Jonas, o Morto sem Sepultura, ou o Ladrão de Cadáveres de Chestsey Barn”, uma das suas mais notáveis criações, da qual os Cantervilles tinham excelentes razões para se lamentar, porque fora essa a verdadeira origem da desavença com o seu vizinho, Lord Rufford.
Eram aproximadamente duas horas e um quarto da manhã. 0 fantasma poderia afirmar que todos os moradores da casa repousavam. Mas ao dirigir-se, em ar de passeio, para a biblioteca, a fim de ver se ainda restava qualquer vestígio da mancha de sangue, saltaram de súbito sobre ele, de um recanto escuro, dois vultos que agitavam ferozmente os braços por cima da cabeça e lhe berravam “U-u! U-u!” aos ouvidos.
Tomado de pânico, o que em tais circunstâncias era muitíssimo natural, ele precipitou-se para a escadaria; porém, aí esperava-o Washington com o grande esguicho do jardim. Cercado de todos os lados pelos inimigos, literalmente encurralado, desapareceu no interior do enorme fogão, que, felizmente para ele, não estava aceso. Teve de abrir caminho através dos canos e das chaminés e alcançou o seu

quarto num terrível estado de sujeira, desarranjo e desespero.
Após esta aventura renunciou às expedições noturnas. Os gêmeos muitas vezes se ocultaram à espera dele e, todas as noites, juncavam os corredores de cascas de nozes, coisa que aborrecia bastante os pais e os criados; mas foi tudo inútil. Era manifesto que o fantasma, ferido nos seus sentimentos, se recusava a aparecer. Em conseqüência, Mr. Otis retomou a sua grande obra sobre a "História do Partido Democrático", em que trabalhava havia uma porção de anos. Mrs. Otis organizou um maravilhoso clambake, que causou espanto em toda a região. Os rapazes dedicaram-se ao cross, ao écarté, ao poker e a outros jogos nacionais americanos. Virgínia percorreu no seu potro todos os caminhos circunvizinhos, em companhia do prato feito de moluscos de todas as espécies, cozidos entre camadas de algas sobre pedras em brasa.
Duque de Cheshire, que tinha vindo passar no Parque Canterville a sua última semana de férias. Supôs-se, naturalmente, que o fantasma desaparecera dali e Mr. Otis escreveu a Lord Canterville para informá-lo do caso. Este respondeu que a notícia lhe dava grande prazer e enviou os seus cumprimentos à digna esposa do embaixador.
Mas, os Otis enganaram-se, porque o fantasma permanecia ainda na casa e, embora estivesse agora quase inválido, não tinha de forma alguma a intenção de ficar quieto, sobretudo desde que soube que, entre os convidados, se encontrava o Duquezinho de Cheshire, cujo tio-av6, Lord Francis Stilton, apostara um dia cem guinéus em como jogaria dados com o fantasma de Canterville, vindo a ser encontrado, na manhã seguinte, estendido no chão da sala de jogo e completamente paralítico. Não obstante ter vivido até avançada idade, nunca s pôde dizer senão isto: "Duplo-seis!"
A, história era bem-conhecida na época em que sucedera o caso; mas, para poupar o sentimento de duas famílias no-

bres, tudo foi tentado para ocultar o fato. Todavia, encontrar-se-á uma narrativa pormenorizada a respeito do caso no terceiro volume da obra de Lord Tattle: "Memórias Relativas ao Príncipe Regente e seus Amigos."

Era consequentemente natural que o fantasma quisesse provar que não tinha perdido a influência sobre os Stilton, aos quais o unia um parentesco afastado, devido a uma sua prima-irmã ter casado em segundas núpcias com o Senhor de Bulkeley, de quem os Duques de Cheshire, como se sabe, descendem em linha direta. Assim, tomou as suas disposições para aparecer ao jovem enamorado de Virgínia na sua célebre criação do "Monge Vampiro, ou o Beneditino Exangue", espetáculo tão horrível que quando a velha Lady Startup o viu, coisa que lhe sucedeu nessa fatal véspera do ano de 1764, desatou nos mais dilacerantes gritos, que terminaram por um ataque de apoplexia; morreu três dias depois, não sem ter deserdado os parentes, os quais eram os seus parentes mais próximos, e deixando todo o dinheiro que possuía ao seu boticário de Londres.

Mas, à última hora, o terror que lhe davam os gêmeos impediu o fantasma de abandonar o seu quarto. E, na câmara real, o duquezinho dormia em paz, no vasto leito de baldaquino ornado de plumas, e sonhava com Virgínia.

Passados uns dias, andavam Virgínia e o seu apaixonado de cabelos encaracolados a percorrer a cavalo as pradarias de Brockley; foi quando a jovenzinha, ao sentir-se presa numa sebe, rasgou o vestido de amazona tão desastradamente que, ao reentrar em casa, decidiu tomar a escada secreta para que ninguém a visse. Porém, ao passar correndo diante da sala das tapeçarias, cuja porta precisamente estava aberta, julgou. perceber a existência de alguém no interior. Vindo-lhe à idéia que seria a criada de quarto da mãe, a qual, às vezes, levava para lá a costura, entrou para pedir à mulher que lhe consertasse a saia.

E, com imensa surpresa sua, Virgínia viu o fantasma de Canterville em pessoa! Estava sentado junto da janela,

contemplando o ouro das árvores amarelentas, vendo as folhas rubras rodopiarem como loucas na grande alameda. Tinha a cabeça apoiada na mão e toda a sua atitude traía uma depressão extrema. Na verdade, ele apresentava um ar tão desolado e tão lamentável que a pequena Virgínia, cuja primeira idéia foi fugir e encerrar-se no seu quarto, tomada logo de piedade, resolveu tentar reconfortá-lo. Os passos de Virgínia eram tão leves e a melancolia do fantasma tão profunda que este não teve consciência da presença da jovem senão quando ela lhe dirigiu a palavra.

- Sinto-me contristada por sua causa - disse Virgínia - mas os meus irmãos voltam amanhã para Eton e, se o senhor se portar bem, ninguém o atormentará.

- Pedirem-me que me porte bem! Mas é absurdo! - respondeu ele com os olhos escancarados de espanto à vista daquela gentil jovenzinha que ousava dirigir-se a ele. - É completamente absurdo! É imprescindível que eu faça ranger os meus grilhões e que ulule pelos buracos das fechaduras e que passeie por aí de noite, se é a isto que a menina faz alusão. Essa é a minha única razão de existir.

- Isso não é uma razão de existência, e o senhor bem sabe que tem sido muito mau. Mrs. Urnney disse-nos, no dia da nossa chegada aqui, que o senhor matou a sua mulher.

- Bem, concordo; - disse com vivacidade o fantasma - mas trata-se de um assunto de família que as pessoas nada têm com isso.

- É muito malfeito matar alguém - insistiu Virgínia, que, às vezes, mostrava uma encantadora expressão de gravidade puritana, herdada de qualquer antepassado da Nova Inglaterra.

- Olha, detesto esse corriqueiro rigor da ética abstrata! Minha mulher era feia, nunca engomava convenientemente a minha gola de pregas e não conhecia nada de cozinha. Olhe, eu tinha matado um veado nos bosques de Hogley, um veado, zinho magnífico. Quer saber como ela a fez aparecer na mesa? Mas que importa o caso, presenternente?!

Tudo isso acabou. Não creio, porém, que fosse muito bonito da parte de seus irmãos fazerem-me morrer de fome, embora eu a tenha matado.
- Fazê-lo morrer de fome? Oh, senhor fantasma... quero dizer, Sir Simon... o senhor tem fome? Trago um sanduíche no meu saco de costura. Quer?
- Não, obrigado, já não como agora. Mas é, apesar dê tudo. muita amabilidade da sua parte. A menina é muito mais gentil do que o resto da sua família horrível, grosseira, indigna!
- Cale-se! - bradou Virgínia batendo com o pé no chão. Quem é grosseiro, horrível e vulgar, é o senhor; e, quanto à indignidade, sabe perfeitamente que foi o senhor quem roubou Os tubos da minha caixa de pintura para tentar avivar essa ridícula mancha de sangue na biblioteca. Primeiramente, pegou todos Os meus vermelhos, sem esquecer o vermelhão, e eu tive de deixar de pintar o pôr do sol; depois, arrebatou o verde e o amarelo cromado; e, finalmente, só me restou o índigo e o branco da China, de modo que eu só podia pintar paisagens à luz do luar, que deprimem tanto quando a gente as olha e são tão pouco fáceis de fazer. Eu nunca disse nada contra o senhor; contudo andava muito aborrecida e tudo aquilo era bastante ridículo. Já se viu sangue de tom verde-esmeralda?
- Mas - disse o fantasma acalmando-se um pouco - que posso eu fazer? Nestes nossos dias, é muito difícil encontrar sangue verdadeiro e, visto que foi o seu irmão a irromper com o tira-nódoas, não, vejo motivo para não lançar mão dos tubos que lhe pertencem. Quanto à cor, é simples questão de gosto: os Cantervilles, por exemplo, têm sangue azul, o mais azulado da Inglaterra, mas sei que vocês, os americanos, troçam a valer de tudo isto.
- 0 senhor não sabe nada a esse respeito, e o melhor que tem a fazer é emigrar, para cultivar o espírito. Meu pai não deixará de sentir-se muitíssimo feliz em lhe conseguir uma, passagem gratuita. 0 senhor não encontrará dificuldade al-

guma, na alfândega, onde todos os funcionários são democratas. Uma, vez em Nova Iorque, o senhor alcançará o maior dos êxitos. Conheço uma porção de gente que daria cem mil dólares para ter um antepassado, e ainda mais para ter um fantasma na família.
- Estou convicto de que não gostaria da América.
- Porque, suponho, não temos lá ruínas, nem curiosidades - disse Virgínia ironicamente.
- Nem ruínas! Nem curiosidades! - replicou o fantasma. - Mas têm a sua marinha e essas suas maneiras!
- Adeus! Vou pedir ao meu papai que conceda aos gêmeos uma semana suplementar de férias.
- Não, não vá, Miss Virgínia! - exclamou o fantasma. - Estou tão só e tão desgraçado que não sei verdadeiramente o que fazer. Quero dormir e não posso.
- Mas isso é absurdo! Basta deitar-se e soprar a vela. Às vezes, é difícil a gente manter-se acordada, na igreja sobretudo, mas é coisa bem fácil dormir. Até os próprios bebês o sabem, todavia, não são muito inteligentes.
- Há trezentos anos que não durmo - disse ele com tristeza (os belos olhos azuis de Virgínia dilataram-se de espanto). - Há trezentos anos que não durmo, e estou tão cansado!
O rosto de Virgínia tornou-se grave e os labiozinhos puseram-se a tremer como pétalas de rosa. Aproximou-se do espectro e, ajoelhando-se junto dele, ergueu os olhos para a velha face enrugada.
- Pobre, pobre fantasma! - murmurou. Não há então local onde possa dormir?
- Lá embaixo, para lá do pinheiral - respondeu ele numa voz lenta e meditativa - há um jardinzinho. A erva, ali, espessa e alta, salpicada das grandes estrelas brancas de, cicuta, e o rouxinol canta lá toda a noite. Toda a noite ali canta o rouxinol, e fria lua de cristal reclina-se para ver melhor, e o cipreste estende seus braços gigantescos sobre os dormentes.

Os olhos de Virgínia velaram-se de lágrimas e ela escondeu o rosto nas mãos.
- Quer aludir ao jardim da morte - murmurou.
- Sim, da morte! A morte deve ser tão bela! Repousar na terra doce e escura, tendo as ervas a ondular por cima de nós, e escutar o silêncio! Não ter ontem, nem amanhã! Esqueço tempo! Esquecer a vida, estar em paz! Pode abrir para mim as portas da casa da morte, porque traz o amor consigo e o amor é mais forte do que a
Virgínia pôs-se a tremer; percorreu-a toda um frêmito,; durante momentos, fez-se silêncio. Tinha a impressão de estar tendo um terrível sonho.
0 fantasma voltou, então, a falar e a voz dele ressoava um suspiro do vento.
- Já alguma vez leu a velha profecia inscrita nos vitrais da biblioteca?
- Oh, muitas vezes! - exclamou a donzela, erguendo os - Conheço-a muito bem. Está pintada em curiosas letras negras e é difícil de ler. São apenas seis versos:

Quando uma criança de coração puro conseguir

Tirar dos lábios pecaminosos uma prece,

Quando a estéril amendoeira florescer,

Quando dos olhos puros brotar uma lágrima,

Esta casa ficará para todo o sempre tranqüila,

A Graça voltará a Canterville.

- Mas não sei o que isto quer dizer.
- Isto quer dizer - respondeu ele tristemente - que a menina deve chorar comigo pelos meus pecados, porque eu já não tenho lágrimas, e rezar comigo pela minha alma, porque nada me resta de fé. Então, se tiver sido sempre meiga e boa, o anjo da morte terá piedade de mim. Há de ver, na escuridão, vultos horríveis; vozes maldosas falar-lhe-ão ao ouvido, mas não sofrerá mal algum porque o inferno nada pode contra a pureza de uma criança.
Virgínia não respondeu e o fantasma torceu as mãos com desespero, baixando o olhar sobre a cabeça coroada de cabelos de ouro reclinada perto dele. A jovem ergueu-se de súbito, muito pálida. Um estranho clarão perpassou pelo seu olhar.
- Não tenho medo - disse ela com firmeza. - Rogarei ao anjo que tenha piedade de você.
O fantasma endireitou o busto, ao mesmo tempo em que soltava um débil grito de alegria, e, inclinando-se, com uma gentileza já há muito fora de moda, pegou na mão da jovenzinha e beijou-a. Os dedos de Sir Simon tinham a frieza do gelo e os seus lábios queimavam como fogo, mas Virgínia não sentiu o menor desfalecimento, enquanto ele a fazia atravessar o compartimento cheio de sombras. Bordadas nas tapeçarias, cujo tom verde fora desbotando, viam-se figurinhas de caçadores. Estes sopraram nas suas trompas ornadas de glandes e, com as minúsculas mãos, fizeram-lhe sinal para que fugisse.
- Retroceda, Virginiazinha, - gritavam eles - vá embora!
Mas o fantasma apertava-lhe a mão com mais força e Virgínia fechou os olhos para não os ver. Horrorosos animais de caudas semelhantes às dos lagartos, olhos salientes da cabeça,
pestanejaram-lhe repetidamente, de cima da chaminé esculpida, e murmuravam:

- Tome cuidado, Virginiazinha, tome cuidado, olhe que talvez nunca mais tornemos a vê-la!
Mas, o fantasma deslizou com mais celeridade e Virgínia não deu ouvidos àqueles. Ao atingirem a extremidade da sala, o fantasma parou e murmurou umas palavras que Virgínia não podia compreender. Ela abriu os olhos e viu a parede desaparecer lentamente como um nevoeiro, após o que se encontrou diante de uma grande caverna negra. Envolveu-os um vento áspero e frio e a jovem sentiu que a puxavam pela saia.
- Depressa! Depressa! - gritou o fantasma. - Senão será demasiadamente tarde.
Num instante, o forro de madeira tomou a cerrar-se por detrás deles. A sala das tapeçarias ficara vazia.
Daí a dez minutos, a sineta tocou para o chá e, como Virgínia não descesse, Mrs. Otis mandou um dos criados cha6má-la. Passado um momento, este voltou para dizer que não tinha encontrado Miss Virgínia em parte alguma. Como a jovem adquirira o costume de ir todas as tardes colher flores Para 0 jantar, Mrs. Otis não se inquietou; mas ao soarem as " horas, sem que a filha tivesse reaparecido, começou a alarmar-se e mandou os rapazes à sua procura, ao mesmo tempo em que ela própria e Mr. Otis percorriam a casa. Compartimento por compartimento.
As seis e meia, estavam de volta os rapazinhos sem terem Podido achar o mais leve vestígio de sua irmã. Todos se encontravam agora na maior agitação e não sabiam o que fazer, quando Mr. Otis lembrou de repente que, uns dias antes, deu licença a um bando de ciganos para acamparem no próximo. Imediatamente, ele partiu para Blackfell Hollow, onde, - que os ciganos deviam estar agora. Acompanhavam-no " filho mais velho e dois criados da granja. 0 Duquezinho de Cheshire, louco de ansiedade, insistiu veementemente em juntar-se a eles, mas Mr. Otis opôs-se a isso, temendo que se travasse ali uma desordem. Porém, ao chegar ao lugar em vista, descobriu que os ciganos ha-

viam desaparecido. O lume, que ardia ainda, e alguns pratos dispersos pelo solo denunciavam claramente uma retirada repentina.
Depois de ter ordenado a Washington e aos dois homens que explorassem as circunvizinhanças, Mr. Otis regressou a toda pressa e expediu telegramas para todos os inspetores de polícia do condado, pedindo-lhes que procurassem uma menina que fora raptada por vagabundos ou ciganos. Em seguida, mandou que lhe selassem o cavalo, intimou a esposa e os três rapazes a tomarem o seu jantar e, acompanhado de um lacaio, dirigiu-se para Ascot. Mas, mal percorrera duas milhas, ouviu atrás de si um galope. Voltando-se, descortinou o Duquezinho, que vinha montado no seu potro, o rosto muito afogueado-se cabelos ao vento.
- Lamento muito - disse o rapazinho numa voz ofegante - mas não poderei jantar enquanto Virgínia não, for encontrada. Peço-lhe que não se zangue. Se o senhor tivesse consentido, o ano passado, no nosso ajuste de casamento, nada disto teria se sucedido. Não vai me mandar para trás, não é verdade?! Eu não quero ir para casa! Não quero ir para casa!
O embaixador não pôde impedir de sorrir ao juvenil e encantador doidivanas e sentiu-se muito comovido com a devoção dele por Virgínia. Inclinando-se sobre o seu cavalo, deu uma palmada no ombro do rapaz e disse:
- Pois bem, Cecil, se você não quer ir para casa, tenho de levá-lo comigo, suponho. Comprar-lhe-ei um chapéu em Ascot.
- O chapéu que vá para o diabo! Da Virgínia é que eu preciso! - exclamou, rindo, o Duquezinho.
Galoparam até a estação da estrada de ferro, onde Mr. Otis perguntou se não tinha sido vista ali, na plataforma, qualquer pessoa correspondendo aos sinais de Virgínia, mas não pôde obter qualquer indicação. Contudo, o chefe da estação telegrafou para todas as outras estações da linha e prometeu

fazer exercer por toda parte uma severa vigilância. Depois de ter comprado um chapéu para o Duquezinho de um comerciante de novidades, que ia precisamente naquele momento fechar a sua loja, Mr. Otis dirigiu-se para Brockley, aldeia a quatro milhas dali, a qual, segundo lhe haviam dito, era local de encontro dos ciganos, por lá haver uma comunidade. Chegando a esse lugar, Mr. Otis e o seu companheiro acordaram o guarda-campestre, mas não puderam extrair dele a menor informação e, após terem percorrido o prado inteiro, retomaram o caminho de casa e alcançaram o Parque Canterville cerca de onze horas da noite, completamente esgotados e desesperados. Washington e os gêmeos esperavam-nos no gradil com lanternas, porque a alameda estava muito escura.

Não se conseguira descobrir o mais leve rasto de Virgínia. Os ciganos tinham se concentrado nas pradarias de Brockley, mas a jovem não se encontrava entre eles. Uma confusão de datas explicava a sua brusca partida: a feira de Chorton, que se realizava mais cedo do que eles pensavam, obrigara-os a se mover a toda pressa. A verdade é que até eles tinham ficado consternados ao saber do desaparecimento de Virgínia, porque tinham grande reconhecimento a Mr. Otis por causa de ele teria permitido acampar no seu parque, e quatro companheiros do bando haviam ficado para trás a fim de colaborar nas pesquisas. 0 tanque das carpas fora esvaziado e toda a propriedade fora batida de ponta a ponta, mas sem resultado. Era forçoso renderem-se à evidência: pelo menos, naquela noite, Virgínia estava perdida para eles; e, profundamente abatidos, Mr. Otis e os rapazes dirigiram-se para casa seguidos do lacaio, o qual conduzia à mão os dois cavalos e o potro.

Encontraram no átrio um grupo de criados cheios de medo. A pobre Mrs. Otis estava estendida num divã da biblioteca, semi louca de inquietação e de pavor; a velha governanta banhava-lhe a fronte com água-de-colônia. Mr. Otis insistiu imediatamente com ela para que ingerisse qualquer alimento

e mandou servir o jantar para todos.
Foi uma refeição bem triste, em que quase não se proferiu Palavra. Os próprios gêmeos estavam aterrados, chocados, porque adoravam a irmã. No fim do jantar, Mr. Otis, não obstante os rogos do Duquezinho, ordenou que todos se deitassem, dizendo que nenhuma outra coisa poderia ser feita naquela noite e que, no dia seguinte de manhã, telegrafaria à Scotland Yard
para lhe serem enviados imediatamente alguns agentes.
Precisamente no instante em que saíam da sala de jantar, soava a meia-noite no relógio da torre e, quando retiniu a décima segunda pancada, ouviram todos um enorme estrondo, seguido de um grito penetrante. Um formidável trovão abalou a casa, os acordes de uma harmonia irreal flutuaram no espaço, no alto da escadaria abriu-se uma das almofadas da parede e, no patamar, apareceu Virgínia, muito pálida, com um cofrezinho na mão.
Foi num rápido instante que todos se precipitaram para. ela. Mrs. Otis abraçou-a apaixonadamente, o Duque afagou-a' com a violência dos seus beijos, e os gêmeos executaram envolta do grupo uma dança guerreira.
- Santo Deus, de onde vem você? - perguntou Mr. Otis numa voz bastante irritada, ao pensar que a filha lhes tinha pregado uma peça insensata. - Cecil e eu cavalgamos toda a região à sua procura e sua mãe esteve prestes a morrer de angústia. Aconselho-a a não voltar entregar-se a farsas tão estúpidas como esta.
- Exceto contra o fantasma! Exceto contra o fantasma! - bradaram os gêmeos entre mil piruetas.
- Minha querida, graças a Deus tenho-a aqui! É preciso que nunca mais me deixe - murmurou Mrs. Otis, enlaçando a criança, a qual
emaranhados.
tremia, e alisando os seus caracóis de ouro todos
- Papai - disse Virgínia num tom calmo - eu estava com o fantasma. Ele morreu. Devem ir vê-lo. Era muito mau, mas

arrependeu-se verdadeiramente do que fez e, antes de morrer, deu-me este cofrezinho com maravilhosas jóias.
Toda a família a fitava, os olhos escancarados de surpresa, nus ela permanecia grave e séria; desviando-se, guiou-os através de unia abertura no forro de madeira das paredes até um estreito corredor secreto. Washington seguia-os empunhando uma vela que havia tirado de cima da mesa. Chegaram, por fim, a uma grande porta de carvalho, ornada de pregos cheios de ferrugem. Quando Virgínia a tocou, a porta girou nas dobradiças, e encontraram-se todos numa salinha baixa, de teto de abóbada e que não respirava senão por uma minúscula janela gradeada. Uma enorme argola de ferro estava chumbada na parede e, encadeada na argola, via-se um grande esqueleto estendido de comprido no chão de pedra, parecendo tentar agarrar uma escudela velha e uma bilha colocada fora do seu alcance. A bilha devia ter contido outrora água, porque se mostrava por dentro coberta de bolor. Na escudela.. não existia senão uma camada de pó.
Virgínia ajoelhou-se junto do esqueleto e, juntando as delicadas mãos, pôs-se a rezar em silêncio, enquanto o resto da família contemplava com espanto a horrível tragédia, cujo segredo lhes era assim revelado.
- Olhem! - gritou de repente um dos gêmeos, o qual se dependurara na janela para observar em que ala da edificação se situava aquele quarto. - Olhem! A velha amendoeira toda sequinha está em flori Vêem-se muito bem as flores, ao c~ do luar.
- Deus perdoou-lhe - proferiu gravemente Virgínia, erguendo-se; e uma luz maravilhosa parecia banhar-lhe o rosto.
- Você é um anjo! - exclamou o Duquezinho, que lhe lançou um braço em volta do pescoço, estreitando-a contra si.
Quatro dias após estes curiosos acontecimentos, um séqüito fúnebre deixava o Parque Canterville por volta das onze horas da noite. Oito cavalos negros puxavam o carro mor-

ro acima e sobre as cabeças deles agitavam-se grandes penachos de plumas de avestruz. Um suntuoso pano cor de púrpura, que as armas dos Cantervilles, bordadas em ouro, ornavam, cobria o caixão de chumbo. Junto do carro, marchavam os criados empunhando tochas, e todo o cortejo assumia singular imponência.

Lord Canterville dirigia o enterro. Tinha vindo expressamente do País de Gales para assistir à cerimônia e ocupava a primeira carruagem, acompanhado da jovem Virgínia. A seguir iam o embaixador dos Estados Unidos e a esposa, depois Washington e os três rapazes, e, por fim, na carruagem da cauda, Mrs. Uniney. Partiu-se da convicção de que a governanta, que durante mais de cinqüenta anos havia sido apoquentada pelo fantasma, tinha o direito de vê-lo desaparecer para sempre. Fora escavada, num canto do cemitério, uma profunda sepultura, precisamente sob a rama do velho teixo, e as preces foram proferidas pelo Reverendo Augustus Dampier dá maneira mais impressionante.

Ao término da cerimônia, os criados, conforme um costume tradicional na família Canterville, apagaram as suas tochas e, no momento de se fazer descer o caixão à sepultura, Virgínia avançou e depôs sobre ele uma grande cruz tecida de rosas e flores de amendoeira. Simultaneamente, a lua surgiu de trás de uma nuvem e, com as suas ondas silenciosas e argênteas, iluminou o pequeno cemitério; e do recesso de uma moita, a distância, subiu o canto de um rouxinol. A jovem recordou a descrição que o fantasma fizera do jardim da morte. Lágrimas velaram-lhe os olhos e mal articulou palavra durante o caminho de regresso.

No dia seguinte de manha, antes que Lord Canterville partisse para Londres, Mr. Otis conferenciou com ele a respeito das jóias dadas a Virgínia pelo fantasma. Era de notável magnificência, em especial certo colar de rubis com um engaste veneziano, admirável trabalho do século dezesseis, e o valor delas todas era tal que Mr. Otis sentia grandes

escrúpulos em consentir que a filha as aceitasse.
- Lord Canterville - disse o embaixador - eu sei que o regime dos bens chamado de "mão-morta" é aplicável neste país tanto às jóias como às terras, e parece-me evidente que
estas jóias de família lhe pertencem, consequentemente. Devo, pois, pedir-lhe que as leve consigo para Londres e que as considere simplesmente como uma parte da sua herança, agora restituída em inesperadas circunstâncias. Quanto à minha filha, ela é ainda uma criança e (sinto-me feliz em dize-lo) não presta mais do que medíocre interesse a esses vão acessórios de luxo. Além disso, minha mulher, que, ouso afirmá-lo, é em matéria de arte uma autoridade, com a qual é necessário contar, - ela gozou do privilégio de passar muitos invernos em Boston quando ainda era solteira - comunicou-me terem essas jóias elevado valor monetário. Postas a venda, atingiriam um altíssimo preço. Nestas condições, Lord Canterville, estou certo de que compreenderá não poder eu permitir a nenhum membro da minha família conservá-las na sua posse. E, em boa verdade, todos esses frívolos adornos, por mais adequados ou indispensáveis que sejam à dignidade da aristocracia inglesa, estariam absolutamente deslocados entre pessoas educadas nos princípios severos e, suponho, imortais da simplicidade republicana. Talvez me seja lícito acrescentar que Virgínia deseja vivamente que 1 o senhor a autorize a guardar para ela o cofrezinho, a título de recordação dos desvarios e dos infortúnios desse seu antepassado. Visto que o cofre se acha muito velho e muito estragado, talvez o senhor julgue razoável deferir este pedido. Pela minha parte, confesso estar bastante surpreso ao ver um dos meus filhos exprimir simpatia pelas coisas medievais, seja sob qual aspecto for, e não posso explicar isto a mim próprio senão o fato de Virgínia ter nascido num dos seus arrabaldes longos pouco tempo depois da chegada à Inglaterra.

Lord Canterville escutou com muita gravidade o discurso 00 digno embaixador, repuxando de quando em quando as pontas do seu bigode grisalho para dissimular um sorriso involuntário; e quando Mr. Otis acabou de falar, apertou-lhe a mão e disse:
Meu caro senhor, a sua encantadora filhinha prestou Simon, meu infeliz antepassado, um serviço de importância, e eu e a minha família devemos muito à maravilhosa coragem dela. Está claro que as jóias lhe pertencem; e, por minha fé, creio que se eu tivesse tão pouco coração que as tirasse dela, o velho sairia, antes de quinze dias decorridos, do seu túmulo e causar-me-ia uma vida de inferno. Quanto a constituírem jóias de família, tal só seria possível se figurassem num testamento ou em documento legal, e a existência dessas jóias me era completamente desconhecida. Asseguro-lhe que não tenho mais direitos sobre elas do que, por exemplo, o seu mordomo, e, ouso dize-lo, quando Miss Virgínia for crescida desvanecer-se-á ao usar esses lindos objetos. 0 senhor esquece também, Mr. Otis, que comprou em conjunto a propriedade e o fantasma, e que tudo o que pertencia ao fantasma passou, implícita e imediatamente, para a sua posse, pois, por maior atividade de que Sir Simon tenha dado sinal durante a noite, nos corredores da casa, ele estava verdadeiramente morto, sob, o ponto de vista jurídico, e a aquisição feita pelo senhor tornou-9 possuidor dos bens dele.
Mr. Otis, muito comovido com a recusa de Lord Canterville, suplicou-lhe que reconsiderasse a sua decisão, mas o excelentíssimo membro da Câmara Alta inglesa permaneceu firme e acabou por persuadir o embaixador de que consentisse à filha guardar o presente do fantasma.
E quando na primavera de 1890 a jovem Duquesa de Cheshire foi, por ocasião do seu casamento, apresentada a primeira vez na recepção da rainha, as jóias que ostentava tornaram-se tema de admiração geral. Virgínia recebeu a coroa, que é a recompensa de todas as boas meninas

americanas, e desposou aquele que a amava desde a infância, logo que ele atingiu a idade conveniente.
Eram ambos tão sedutores e amavam-se tanto que esta união encantava todo mundo, salvo a velha Marquesa de Dumbleton, que havia tentado apoderar-se do duque para uma das suas sete filhas ainda solteiras e que, com esse desígnio, dera nada menos do que três dispendiosos jantares; e, se bem que isto possa parecer estranho.
O embaixador sentia pelo Duquezinho uma grande afeição, mas, em teoria, não era partidário de títulos de nobreza e, para empregar mesmo palavras sua , "temia um tanto que, por causa da influência amolecedora da aristocracia, nada pelo prazer, os verdadeiros princípios da simplicidade republicana fossem esquecidos". Mas houve quem deitasse, por terra as suas objeções; e creio bem que, ao avançar, com a filha pelo braço, na nave da Igreja de S. Jorge, não houve, nesse instante, homem mais orgulhoso do que ele na Inglaterra inteira.
Após a sua lua-de-mel, o Duque e a Duquesa voltaram ao Parque Canterville; e no dia seguinte ao da chegada foram, à tarde, a passeio até o cemitério solitário circunvizinho, do pinheiral.
A escolha da inscrição para a lápide de Sir Simon tinha levantado muitas dificuldades, mas fora finalmente decidido mandar gravar nela as simples iniciais do velho aristocrata e os versos existentes na biblioteca.
A Duquesa havia levado consigo umas rosas adoráveis, que espalhou sobre a sepultura; e depois de se conservarem em recolhimento bastantes minutos, os jovens foram, sempre passeando, até o santuário em ruínas da velha abadia. Sentou-se, então, a Duquesa numa pilastra mutilada do templo, enquanto o marido, estendido a seus pés, fumava um cigarro, tendo o olhar fixo nos belos olhos da jovem. De súbito, arremessando para longe o cigarro, pegou-lhe na mão e disse:
- Virgínia, uma mulher não deve ter segredos para seu ma-

rido.
- Querido Cecil, não tenho segredos para você.
- Tem-nos, sim; - replicou ele sorrindo - nunca me disse o que aconteceu quando esteve encerrada com o fantasma.
- Nunca o disse a ninguém - respondeu Virgínia com ar grave.
- Sei disso, mas podia dize-lo a mim.
- Não me peça tal coisa, Cecil; eu não posso dizer-lhe. Pobre Sir Simon! Devo-lhe muito. É verdade; não ria, Cecil. Mostrou-me o que é a vida, o que significa a morte e porque razão o amor é mais forte do que a vida e a morte.
0 Duque, pondo-se de pé, abraçou com ternura sua mulher.
- Pode reservar o seu segredo por tanto tempo quanto eu guardarei o seu coração - murmurou.
- Ele sempre lhe pertenceu, Cecil.
- E dirá um dia aos nossos filhos, não é verdade?
As faces de Virgínia cobriram-se de rubor.

FIM